

Boa tarde a todas e todos, e obrigado por me permitirem falar na reunião aberta de hoje. O meu nome é Kevin Gallagher e sou investigador da Universidade de Nova Iorque na área de Cibersegurança. Também sou ativista e identifico-me com a esquerda política. Queria dedicar algum tempo a contar-vos as minhas experiências e as ideias que formei desde que me mudei para cá, em Outubro de 2019. Há muito a dizer, mas vou tentar ser sucinto.

Ainda me recordo carinhosamente do 7 de Junho de 2020. As ruas de Lisboa estavam inundadas de pessoas indignadas com o assassinato de um homem, George Floyd, que ocorreu a um oceano de distância. Decidiram dizer ao mundo que não era aceitável. Decidiram dizer ao mundo que o racismo não é aceitável. Nunca me tinha sentido melhor com a minha decisão de me mudar para cá do que no dia 7 de Junho de 2020.

Infelizmente, lembro-me também dos dias que se seguiram. Os meios de comunicação estavam cheios de simplificações sobre a luta anti-racista. Políticos de direita e de extrema-direita, incluindo o líder do partido fascista Chega, mostravam fotografias recortadas de um único cartaz, numa tentativa de desacreditar o nosso movimento popular. Pior, uma contra-marcha fascista, felizmente muito mais pequena, ocorreu numa tentativa de provar de alguma forma que Portugal não é um país racista. Um mar de rostos brancos afirmava que as pessoas racializadas tinham uma vida melhor do que o homem branco, que tem mais riqueza e poder no país.

Portugal é um país racista. Eu próprio já o vi.

Algo sobre ser um homem branco americano parece sinalizar às pessoas que não faz mal vir até mim e explicar-me os seus pensamentos e comportamentos racistas. Talvez a suposição seja que, sendo um homem branco de um país rico, eu partilharia a sua antipatia por pessoas menos afortunadas do que elas. Eles estão errados.

Mas tê-los a abordar-me de tal forma tem sido extremamente esclarecedor sobre a mentalidade dos portugueses brancos contra as pessoas racializadas. Ouvi as afirmações mais subtis, como o uso de uma linguagem que equivale a "o cigano e o português", como se o povo cigano aqui não fosse também português. Ouvi as mais abertamente absurdas e aterrorizantes expressões de racismo, como a comparação de pessoas racializadas com animais que não podem ser domesticados.

Ouvi "não sou racista mas," imediatamente seguida de declarações racistas sobre como as pessoas negras criam os seus filhos. Ouvi "Eles não falam português, eles falam" seguido de uma difamação que nunca repetirei, afirmando que um dialecto da língua é menos legítimo porque é falado por pessoas com uma cor de pele diferente. Ouvi dizer que as pessoas racializadas são pobres por opção, por inferioridade, ou por ambos ao mesmo tempo.

Tenho visto um fascista, em plataforma sobre o racismo, obter 11,9% dos votos nas eleições presidenciais. Vi o mesmo partido fascista ganhar um lugar no parlamento e ganhar o controlo parcial de uma câmara municipal nos Açores. Tenho visto membros do PSD, um partido supostamente de centro-direita, a discutir o alinhamento com os fascistas para aumentar o seu poder. Vi uma petição para deportar um cidadão de Portugal por nenhuma outra razão a não ser por ser negro e lutar contra abusos.

Ouvi falar dum professor dizer a um estudante português, filho de imigrantes chineses, para voltar ao seu país porque espirrou na aula. Tive discussões em que um português branco me disse que os chineses são mais sujos do que os brancos, e quando insisti em obter provas, ele falou-me de uma única vez ter comido uma refeição ligeiramente mal cozinhada num único restaurante chinês. Ouvi inúmeras

histórias de produtos serem inferiores simplesmente porque foram vendidos numa loja de imigrantes asiáticos.

E isso não é tudo. Tenho ouvido tantas declarações racistas desde que me mudei para cá que por vezes senti que fui transportado para as partes mais racistas dos Estados Unidos, um país incrivelmente racista. Sinto-me mal simplesmente por repetir as coisas que ouvi aqui, mas mesmo assim, acredito que é importante sensibilizar para a mentalidade que elas representam.

Sabem o que realmente não ouvi? O português branco comum a defender aqueles que não têm poder. Pessoas brancas comuns que prestam ajuda às pessoas que mais precisam dela. Não tenho visto o português branco comum falar contra reivindicações racistas. Não tenho visto os noticiários levarem a sério o anti-racismo. Não vi qualquer cobertura noticiosa positiva nas grandes redes sobre a luta anti-racista e sobre as pessoas que a compõem. Toda esta cobertura tem sido, na melhor das hipóteses, neutra.

Não tenho visto igualdade nos empregos. Quando encomendo uma entrega durante a pandemia para evitar sair e comprar comida, o trabalhador essencial que a entrega é quase sempre uma pessoa racializada. São as mesmas populações oprimidas que são as vítimas da retórica e das acções de racismo português que põem as suas vidas em risco para entregar refeições àqueles que estão confortavelmente em teletrabalho. Tenho visto quase exclusivamente pessoas racializadas a fazer trabalhos de construção nas estradas ao sol quente do Verão. Enquanto muitos portugueses brancos passam os seus dias a trabalhar num escritório, as pessoas racializadas estão a construir as infraestruturas de que dependem.

Da minha perspectiva, a desigualdade e a exclusão são um fio condutor comum na sociedade portuguesa. Estou certo de que só vejo o que está na superfície da sociedade portuguesa racista. Estou certo de que para aqueles que fazem parte das comunidades afectadas, o racismo é ainda mais aparente. Afinal de contas, se é tão aparente para mim, deve ser muito mais óbvio para eles.

Poderia continuar e continuar com exemplos do que vi dentro de um ano de vida aqui. Estas ocorrências ocorrem quase diariamente, por isso não há falta de histórias. Estas histórias motivam a razão pela qual devemos continuar a lutar.

A 21 de Março de 2021, houve outra manifestação contra o racismo em Lisboa. No Largo de São Domingos, no Rossio, entre 150 e 200 pessoas apareceram para se levantarem contra o racismo em Portugal. Estávamos bem dispostos, sabendo que estávamos a lutar a boa luta contra o racismo e o fascismo. Mas 200 não é muito em comparação com os milhares de pessoas nas ruas de Lisboa em Junho.

Pior ainda, a 18 de Abril de 2021 tivemos uma manifestação contra o fascismo, e contra o Chega, o partido que todos afirmam odiar. No entanto, não mais de 100 pessoas estavam nas ruas, discutindo a sua preocupação com a crescente ameaça fascista.

Onde estavam os outros? Onde estavam as pessoas que me lembro de ver, com raiva e tristeza nos olhos, motivadas pela justiça por George Floyd e para todas as vítimas que partilham uma história semelhante? Houve progressos suficientes para que possamos chamar o assunto encerrado? Houve progressos suficientes para que possamos dizer que o racismo está resolvido? Houve progressos suficientes para que possamos dizer que o fascismo já não é uma ameaça?

Não. Não se registaram quaisquer progressos. O racismo continua a sair da boca da elite, e das bocas dos portugueses brancos comuns nas ruas. O fascismo e o racismo continuam a ganhar poder. Nada mudou. Enquanto falo, o meu país de origem está de luto por mais uma perda sem sentido de uma jovem vida negra, e de uma jovem vida latina. E no entanto, milhares de pessoas pararam simplesmente de lutar. Milhares de pessoas voltaram a fingir que a questão não existe.

Será necessário esperar por outra tragédia antes que o povo de Portugal esteja disposto a defender o que está certo? Temos de esperar que outra pessoa morra, ou que outra pessoa seja brutalizada pela polícia? E quanto às injustiças que não vemos, mas que ocorrem todos os dias? Vamos continuar a permitir a discriminação contra pessoas racializadas? Vamos continuar a permitir que bons empregos permaneçam só em mãos brancas, simplesmente porque as pessoas que contratam são brancas? Será que vamos ficar em silêncio enquanto o português antiquado fala negativamente de pessoas com menos poder do que ele? Será que vamos continuar a permitir que Chega ganhe poder porque é confundido como um partido anti-sistema?

Quando é que vamos aparecer e fazer algo a esse respeito? Vamos ser proactivos, e comecemos hoje! Da próxima vez que ouvir alguém dizer algo racista, informe-o de que não está certo. Diga-lhe a verdade: as pessoas racializadas também são pessoas e merecem respeito. Vamos para as ruas e protestar não só contra actos individuais de racismo, mas contra todo o sistema racista. Vamos exigir que a mudança seja equitativa para todos. E se não mudar, vamos exigir que o sistema seja desmontado e substituído por algo melhor.

Creio que tenho feito a minha parte. Quando há um apelo às ruas para protestar contra o racismo, o fascismo, ou outras questões, faço o meu melhor para lá estar. Estou também a colocar os meus talentos e credenciais profissionais à disposição. Estou a usar o meu doutoramento em Informática e história da investigação em Cibersegurança para criar uma série de vídeos que ensina cibersegurança aos activistas. Faço parte de uma organização sem fins lucrativos que tenta ensinar a privacidade e segurança à pessoa comum. Estou a trabalhar na investigação e desenvolvimento que ajudaria a assegurar organizações com uma estrutura horizontal - uma área de investigação vazia uma vez que a maioria das ferramentas são construídas tendo em mente a hierarquia. Para além do que já faço, quero fazer muito, muito mais. Se acreditam que há espaço para os meus talentos, estou aberto a sugestões sobre como posso contribuir. Tudo o que eu quero é ver melhorias, e não acredito que estou sozinho nisso.

Não posso falar pelos meus companheiros manifestantes, pelos meus companheiros imigrantes, pelas pessoas de cor, ou pelos meus companheiros comuns. Não posso falar por outras comunidades marginalizadas, tais como as mulheres, ou pela comunidade LGBTQ+. Não posso falar em nome da classe trabalhadora ou da classe média. Nunca sonharia em falar pelos outros. No entanto, posso falar por mim, e tenho algumas ideias sobre o que gostaria de ver do Bloco de Esquerda.

Gostaria de ver o Bloco da Esquerda ser proactivo e encontrar os manifestantes na rua. Gostaria que o Bloco se mostrasse solidário com as nossas causas, em voz alta e com orgulho. Gostaria que o Bloco reflectisse os movimentos na legislação. Gostaria que o Bloco viesse pessoalmente para as manifestações e se mostrasse solidário.

Não gostaria que o Bloco tentasse liderar os movimentos, ou que fizesse os movimentos acerca do partido. Um partido político não é um movimento, por mais que tente ser. Deveríamos ter um partido que reflecta os movimentos, não um movimento acerca do partido. Mas isso não significa que o Bloco não possa contribuir, não possa estar presente nos eventos, ou não possa demonstrar solidariedade. Na

verdade, acredito que apoiar, mas não liderar, é a melhor forma de conseguir que os manifestantes apoiem o Bloco. Vamos unir-nos e mostrar a Portugal e ao mundo que tudo o que nós manifestantes queremos é um mundo de equidade, liberdade e amor, em comparação com a visão da direita de divisão, ódio e medo.

Mas não se trata apenas de nós, manifestantes. Muitas pessoas comuns sentem que não estão representadas no actual sistema político. Estão cansadas de políticos que lhes dizem o que precisam. Quando ouvem um fascista dizer-lhes que não são elas o problema, que o problema é alguém menos afortunado do que elas, ou o sistema que dá aos pobres, elas acreditam nele, esperando desesperadamente que melhore as suas condições.

Gostaria de ver o Bloco de Esquerda encontrar estas pessoas, também, nas ruas. Em vez de lhes dizer o que precisam, acho que o Bloco de Esquerda deveria perguntar-lhes o que precisam. O Bloco pode deixar claro que deseja servir as necessidades do povo, e não impor aquilo que acredita serem as suas necessidades. Pode ficar claro que não irá tirar aos menos afortunados, mas sim prestar serviços a todos os que deles necessitam. Pode ser claro que está interessado em proteger as pessoas dos custos crescentes do aluguer, da falta de estacionamento que afecta a sua capacidade de serem móveis, e da privatização contínua de serviços públicos como a saúde, ou de espaços públicos como os parques de estacionamento. Por menores que estas preocupações possam parecer em comparação com as ameaças enfrentadas pelas pessoas racializadas, negligenciar estas preocupações pode criar animosidade no povo, levando-o a recorrer a promessas feitas por falsos salvadores.

Estas são soluções a curto prazo. A longo prazo, Portugal deve afastar-se dos males do capitalismo, e construir um sistema mais justo para os trabalhadores. Não é suficiente prometer um emprego, ou um bom salário. Isto dá às pessoas conforto, mas não lhes dá liberdade nem poder. Em vez disso, temos de dar aos trabalhadores poder sobre o seu próprio trabalho. Temos de conceder ao trabalhador o controlo sobre o produto do seu trabalho. Isto irá superar o capitalismo, a longo prazo.

Acredito que estes sejam os objectivos finais do Bloco de Esquerda. Estou ansioso por participar em torná-los realidade de todas as formas que puder. Posso não ser capaz de votar, e posso não ser capaz de concorrer a um cargo, mas sou capaz de trabalhar. E vou colocar tudo o que tenho - as minhas credenciais profissionais, o meu tempo e o meu esforço - para fazer deste país, e deste mundo, um lugar melhor.

O silêncio é cumplicidade com os males da época. Lembremo-nos da motivação que tivemos no dia 7 de Junho. Vamos continuar a lutar, juntos.

Obrigado pela vossa atenção, e pela oportunidade de falar.